



Grande Oriente do Estado de Mato Grosso – GOEMT
A.:R.:L.:S.: Acadêmica François-Marie Arouet n. 101



À GL.: do G.: A.: D.: U.:

- Peça de Arquitetura -

O Companheiro Maçom e a Escada de Jacó: lições aprendidas

M.: I.: Armino Corrêa Leite – CIM: 5359

JULHO – 2026 E.: V.:

Introdução

Existe um momento na jornada iniciática em que o silêncio já não basta.

O Aprendiz, que outrora entrou no Templo envolto em sombras e perguntas, começa a perceber que o caminho não é apenas de contemplação, mas de movimento. Se o primeiro grau ensina a ouvir, o segundo ensina a caminhar. Se o primeiro desperta, o segundo orienta.

O Grau de Companheiro Maçom representa a transição entre o olhar inocente e o olhar consciente. Não é ainda o domínio pleno da arte real, mas o despertar da compreensão de que toda construção exige método, estudo e perseverança.

A tradição simbólica apresenta ao Companheiro a imagem da **Escada de Jacó** – não apenas como lembrança de um sonho antigo, mas como metáfora viva da ascensão humana. Cada degrau representa um esforço, cada passo exige equilíbrio e cada subida transforma aquele que sobe.

Não se trata de alcançar o céu abandonando a terra, mas de unir ambos.

O Companheiro aprende que:

- a matéria e o espírito não são inimigos;
- o trabalho é oração silenciosa;
- o conhecimento é instrumento de libertação.

Enquanto o Aprendiz lapida sua pedra, o Companheiro começa compreender a arquitetura do edifício.

O Companheiro é o buscador que aprende a subir.

A Escada de Jacó é a imagem da consciência que se eleva, degrau após degrau, não por privilégio, mas por mérito interior.

A verdadeira ascensão não acontece nos degraus externos, mas na transformação silenciosa daquele que ousa subir.

Vamos explorar nesse trabalho o simbolismo da Escada de Jacó no grau de Companheiro Maçom e dele associar aprendizados na vida profana de um maçom.

Parte 1

O Chamado à Elevação

Há um instante na jornada maçônica em que o iniciado percebe que permanecer parado já não é possível.

O Aprendiz aprende a observar, a silenciar e a trabalhar. Ele é conduzido a reconhecer suas imperfeições e a iniciar o processo de lapidação interior. Contudo, chega um momento em que o trabalho solitário já não satisfaz a inquietação da alma. Surge então o chamado à elevação.

Este chamado não é externo; não provém da voz dos homens, nem das honrarias do Templo. Ele nasce no interior do próprio Maçom, como uma consciência crescente de que o mundo simbólico possui profundidades ainda não exploradas.

A passagem para o grau de Companheiro não é uma promoção, mas uma transformação.

Enquanto o Aprendiz aprende a ver, o Companheiro aprende a compreender.

A Escada de Jacó surge como símbolo desse movimento. Ela representa a ligação entre planos distintos, revelando que a ascensão não ocorre por saltos abruptos, mas por passos conscientes.

Cada degrau exige esforço, equilíbrio e humildade.

Subir a escada significa aceitar que o conhecimento traz responsabilidade.

O Companheiro passa a perceber que:

- o trabalho não é apenas físico, mas intelectual;
- a busca não é apenas pessoal, mas coletiva;
- a pedra não é apenas individual, mas parte de uma construção maior.

Diferentemente do Aprendiz, que observa os símbolos como mistérios a serem revelados, o Companheiro começa a perceber que existem relações entre eles. Ele vê padrões, proporções e harmonia.

A Geometria deixa de ser apenas forma e passa a ser linguagem. O silêncio deixa de ser apenas disciplina e torna-se reflexão. E o trabalho deixa de ser obrigação e torna-se missão.

Mas toda elevação traz riscos.

O orgulho pode surgir diante do conhecimento recém descoberto. A mente pode acreditar que compreender é dominar. Por isso, o verdadeiro Companheiro aprende que

subir não significa estar acima, mas sim estar mais consciente da própria responsabilidade.

A Escada de Jacó não termina no topo visível; ela continua além da percepção imediata, lembrando que toda conquista é apenas um novo início.

O chamado à elevação, portanto, não é um convite ao poder, mas um convite à transformação.

A Escada de Jacó: símbolo universal de ascensão

Desde os tempos antigos, a humanidade busca imagens capazes de representar aquilo que não pode ser plenamente descrito por palavras. Entre as imagens, poucas são tão poderosas quanto a visão da Escada de Jacó – uma ponte simbólica entre mundos, uma estrutura que une o visível e o invisível, o esforço humano e a aspiração espiritual.

No relato tradicional, Jacó contempla uma escada que se eleva da terra aos céus, por onde anjos sobem e descem em constante movimento. Para o olhar profano, trata-se de uma narrativa religiosa; para o olhar iniciático, revela-se um mapa simbólico da consciência.

A Escada não é apenas um objeto; é um processo.

Ela representa a compreensão de que a evolução não ocorre de forma abrupta, mas por degraus sucessivos. Cada degrau exige equilíbrio entre aquilo que foi conquistado e aquilo que ainda precisa ser aprendido. Subir sem firmeza é cair; permanecer parado é negar a própria natureza da jornada. Para o Companheiro Maçom, a Escada de Jacó deixa de ser uma história distante e passa a ser espelho da própria caminhada.

O Aprendiz observa o mundo simbólico; o Companheiro começa a atravessá-lo. Neste grau, o iniciado aprende que a ascensão não é vertical apenas no sentido espiritual, mas também horizontal no sentido humano. O conhecimento não se limita ao interior da Loja; ele se expande para a ciência, para a arte, para a filosofia e para o entendimento das leis naturais que regem o universo.

Assim, a escada torna-se simultaneamente:

- caminho interior;
- instrumento de transformação;
- método de construção do ser.

Cada degrau representa uma integração:

- entre razão e intuição;
- entre trabalho manual e trabalho intelectual;

- entre individualidade e fraternidade.

Ao contrário de uma escada comum, a Escada de Jacó não possui apenas direção ascendente, ela também permite descidas. Os anjos que sobem são os esforços do homem em direção à consciência; os que descem representam as inspirações que retornam ao plano de ação.

Este movimento duplo ensina ao Companheiro uma verdade essencial: não existe verdadeira ascensão sem retorno ao mundo para servir.

Aqui reside uma das diferenças fundamentais entre o primeiro e o segundo grau. O Aprendiz aprende a transformar a si mesmo; o Companheiro começa a compreender sua função dentro da obra coletiva.

A Escada deixa de ser apenas símbolo de elevação pessoal e passa a representar responsabilidade.

Cada degrau alcançado amplia a visão, mas também aumenta o dever.

Na tradição iniciática, subir é aprender a ver mais longe sem perder o chão sob os pés.

E talvez o maior ensinamento da Escada seja este: ela não pode ser percorrida por outro em nosso lugar.

O Companheiro percebe que não há atalhos para a consciência. O conhecimento transmitido pelos irmãos serve como orientação, mas a subida exige esforço próprio. O caminho é compartilhado, porém o passo é individual.

Assim, a Escada de Jacó torna-se imagem viva da jornada maçônica: um convite permanente à ascensão equilibrada entre Terra e Céu – entre o trabalho concreto e a consciência desperta.

A Morte Simbólica do Aprendiz

Toda ascensão verdadeira exige uma despedida.

Na jornada iniciática, não existe avanço sem transformação, assim como não há transformação sem renúncia. A passagem do Aprendiz ao Companheiro não representa apenas a aquisição de novos conhecimentos ou o acesso a novos símbolos; representa, sobretudo, a morte simbólica de uma etapa da consciência.

Não se trata de negar o Aprendiz, mas a transcender sua forma inicial.

O Aprendiz é aquele que aprende a ver. Ele entra no Templo em estado de descoberta, aprende a silenciar, a observar e a reconhecer suas imperfeições. Sua principal virtude é

a receptividade. Ele absorve ensinamentos como quem prepara o terreno para uma futura construção.

Entretanto, chega um momento em que permanecer apenas observando torna-se uma limitação.

Aquele que deseja subir a Escada de Jacó precisa aceitar que o primeiro degrau não é suficiente para alcançar novos horizontes. Surge, então, uma crise silenciosa, uma sensação interior de que algo precisa ser abandonado.

Essa é a morte simbólica do Aprendiz.

Ela não acontece em um instante ritualístico apenas; acontece dentro do indivíduo. É o abandono da passividade, do medo de errar, da dependência excessiva das orientações externas.

O Companheiro nasce quando o Aprendiz compreende que já não pode permanecer apenas recebendo – ele precisa participar ativamente da construção.

Assim como a Pedra Bruta começa a revelar forma sob o trabalho constante, o iniciado percebe que sua identidade inicial não é permanente. Aquilo que antes era proteção torna-se limite.

Morrer simbolicamente significa:

- abandonar a visão simplista do mundo;
- reconhecer que o conhecimento exige responsabilidade;
- aceitar que a jornada será mais complexa do que imaginava.

Muitos temem essa passagem, pois ela exige coragem interior. A inocência inicial cede espaço à consciência das próprias escolhas. O Companheiro deixa de caminhar apenas guiado e passa a caminhar também guiando a si mesmo.

--

A morte simbólica do Aprendiz não é perda – é expansão.

É o reconhecimento de que o silêncio aprendido no primeiro grau precisa agora transformar-se em reflexão ativa. Que o trabalho manual deve ser acompanhado pelo trabalho intelectual. Que a observação deve evoluir para compreensão.

Na Escada de Jacó, esse momento corresponde ao instante em que o iniciado decide colocar o pé no próximo degrau. Ele não abandona o degrau anterior; ele o integra como base para subir.

E aqui reside um ensinamento fundamental: ninguém deixa de ser Aprendiz.

O verdadeiro Companheiro carrega dentro de si o Aprendiz eterno – aquele que continua humilde diante do desconhecido.

A morte simbólica não elimina o que veio antes; ela reorganiza o Ser em um nível mais amplo de consciência.

Aquele que sobe acreditando já saber tudo corre o risco de cair. Aquele que sobe reconhecendo que ainda aprende transforma cada passo em crescimento.

Por isso, a tradição iniciática ensina que a morte simbólica não é um fim, mas a abertura.

Morre a identidade limitada para que nasça a identidade consciente.

Morre o olhar passivo para que desperte o olhar investigativo.

Morre o silêncio imposto para que surja o silêncio escolhido.

Assim, o Companheiro começa sua jornada não como alguém que chegou, mas como alguém que decidiu continuar.



FONTE:

**Livro: O Companheiro Maçom e a Escada de Jacó (Os 3 Graus da Maçonaria Simbólica)
Capítulos 1 a 3**

Ricardo Pinto Leal, natural de Santos SP, mora em Balneário Camboriú SC. Empresário, Músico, M.:M.:, Bibliotecário, Escritor, Espiritualista, Filósofo e Estoico.

Parte 2

Lições Aprendidas

O Companheiro é, por excelência, o grau do estudo, da razão, da busca do conhecimento e da transformação consciente. A Escada de Jacó deixa de ser apenas um símbolo bíblico e passa a representar a jornada permanente de evolução moral, intelectual e espiritual.

Entretanto, subir a escada não significa apenas adquirir conhecimentos. O verdadeiro valor da ascensão consiste no aprendizado obtido durante a jornada e evidencia-se nos resultados produzidos pela aquisição de virtudes, tais como *humildade, prudência, justiça e equilíbrio*.

Caso contrário, o conhecimento transforma-se apenas em vaidade intelectual.

Na vida profana costuma-se medir sucesso por:

- dinheiro;
- posição social;
- títulos;
- poder.

A Escada de Jacó propõe outro critério. O verdadeiro progresso é tornar-se:

- mais paciente;
- mais tolerante;
- mais justo;
- mais fraterno.

Essa talvez seja uma das maiores lições do simbolismo da Escada de Jacó.

Toda subida exige abandonar pesos desnecessários.

Ninguém sobe uma montanha carregando tudo. O mesmo ocorre simbolicamente na Escada.

O Companheiro aprende a **abandonar orgulho, preconceitos, intolerância, vaidade e ressentimentos**. Esses são pesos que dificultam a ascensão.

Equilíbrio constante entre a matéria e o espírito.

A Escada une dois planos. Isso ensina que o maçom não deve desprezar a vida material nem viver exclusivamente para ela.

Na vida profana aprende-se a buscar equilíbrio entre:

- trabalho;
- família;
- estudo;
- espiritualidade;
- servir ao próximo.

Cada degrau amplia a visão.

Quanto mais alto se sobe, maior é o horizonte. Na experiência do Companheiro isso significa:

- ouvir antes de julgar;
- compreender opiniões diferentes;
- desenvolver pensamento crítico;
- evitar radicalismos.

O estudo amplia a visão de mundo.

Nunca se deixa de subir.

Não existe “último degrau”; sempre haverá algo a aprender.

Mesmo um Mestre continua sendo aprendiz diante da Verdade.

Essa ideia combate:

- arrogância;
- acomodação;
- dogmatismo.

A Escada também ensina humildade.

Subir não significa sentir-se superior. Quanto maior o conhecimento, maior deve ser a consciência das próprias limitações.

O verdadeiro Companheiro:

- fala menos;

- escuta mais;
- aprende continuamente;
- respeita opiniões divergentes.

Em síntese:

Lição	Aplicação na vida profana
A evolução ocorre degrau a degrau	Paciência e constância
O esforço pessoal é indispensável	Disciplina e responsabilidade
Conhecimento exige virtude	Humildade intelectual
A verdadeira ascensão é interior	Formação do caráter
Fé, Esperança e Caridade sustentam a caminhada	Resiliência e fraternidade
É preciso abandonar pesos desnecessários	Superação do orgulho e dos preconceitos
Equilíbrio entre matéria e espírito	Harmonia entre trabalho, família e espiritualidade
Cada degrau amplia a visão	Tolerância e pensamento crítico
Nunca se chega ao fim da aprendizagem	Educação permanente
Subir implica retornar para servir	Liderança pelo exemplo e serviço ao próximo

FONTE:

ChatGPT - Ferramenta de Inteligência Artificial (<https://chatgpt.com>)

Prompt: *Estou elaborando um trabalho voltado para estudos maçônicos com o tema "O Companheiro Maçom e a Escada de Jacó: lições aprendidas". O que me sugere incluir como lições aprendidas que podem ser advindas da experiência do maçom na vida profana, levando em consideração o simbolismo da Escada de Jacó?*

Conclusão

O papel do Companheiro Maçom é ser alguém que, por meio do estudo e da reflexão, busca não apenas o próprio aperfeiçoamento, mas também se torna um agente de melhoria da sociedade.

No simbolismo da Escada de Jacó dois movimentos simultâneos são representados:

Os anjos sobem e descem.

O maçom sobe quando:

- estuda;
- trabalha;
- aprimora seu caráter.

Mas desce quando retorna à sociedade para colocar em prática aquilo que aprendeu.

Em outras palavras:

Não basta ascender moralmente; é necessário levar essa evolução ao convívio familiar, ao ambiente profissional e à comunidade. A verdadeira finalidade da subida é voltar transformado para transformar o mundo ao seu redor.